

A Mulher Adúltera no Evangelho de João (Jo 7,53-8,11)

The Adulterous Woman in the John Gospel (Jo 7,73-8,11)

*Gilvan Leite de Araújo**

Resumo: A narrativa da Mulher Adúltera no Quarto Evangelho é breve, elegante e bem elaborada. Os testemunhos mais antigos sobre o Quarto Evangelho não possuem esta narrativa, apesar de possuírem lacuna em seu lugar. Apesar da sua inclusão em períodos tardios, o seu conteúdo é, sem dúvida, primitivo. Aqui se deseja revisitar as questões relativas à origem e ao conteúdo da narrativa da Mulher Adúltera e propor novos caminhos de reflexão.

Palavras-chave: Evangelho de João; Adultério; Mulher Adultera

Abstract: The Adultery Woman's narrative in the Fourth Gospel is brief, elegant, and well-crafted. The earliest testimonies about the Fourth Gospel do not have this narrative, although they have a gap in their place. Despite its inclusion in late periods, its content is undoubtedly primitive. Here we want to revisit the questions regarding the origin and content of the Adulterous Woman narrative and propose new ways of reflection.

Keywords: Gospel of John; Adultery; Adulterous Woman

* Doutor em Teologia Bíblica pelo Angelicum de Roma. Assistente Doutor do Departamento de Teologia Fundamental da PUC-SP. E-mail: glaraujo@pucsp.br.

Introdução

A narrativa da Mulher Adúltera no Quarto Evangelho tem sido ao longo dos séculos, matéria de debate entre os estudiosos, seja quanto a sua pertença ao Quarto Evangelho, quanto ao posicionamento de Jesus em relação à mulher em questão, como aponta, por exemplo, Toensing ao afirmar que os dois problemas sobre a narrativa da Mulher Adúltera, seriam sobre o seu surgimento e sobre a posição atual no Evangelho.¹

A narrativa está inserida na grande narrativa sobre a presença messiânica de Jesus durante a Festa das Tendias. Ela tem início com a alusão de que todos tinham ido para as suas respectivas casas (7,53) em conclusão à perícopie anterior. No caso, o autor afirma que Jesus tinha ido para o Monte das Oliveiras.

Esta primeira informação suscita uma dúvida, pois os evangelhos geralmente apresentam Jesus pernoitando em Betânia quando se encontra em Jerusalém (cf. Mt 21,17), diante disso espera-se que ele tenha ido para lá, no caso joanino, para a casa dos irmãos Lázaro, Marta e Maria, pernoitado e retornado ao amanhecer para Jerusalém. O autor, porém, informa que ele foi para o Monte das Oliveiras. Por qual motivo?

Na sequência Jesus se encontra, ao alvorecer, no Templo ensinando, quando lhe é apresentado uma casuística, ou seja, o que a Lei prescreve para casos de adultério. A atitude de Jesus causa perplexidade, pois, ele se abaixa e começa a escrever com o dedo no chão. Diante da insistência dos escribas e fariseus, Jesus responde com uma “charada”, ou seja, “*quem não tiver pecado atire a primeira pedra*” (8,7).

A narrativa é complexa e interessante por aquilo que apresenta e por aquilo que não apresenta. Isso convida a um olhar mais profundo sobre o relato da Mulher Adúltera.

¹ Cf. TOENSING HJ. Politics of Insertion: The Pericope of the Adulterous Woman and Its Rhetorical Context at John 7:52. In: *Proceedings EGL & MWBS* 15 (1995) p. 1.

1. O Problema da Narrativa

A narrativa da Mulher Adúltera (7,53-8,11) é concebida como uma glosa. Barret, no seu comentário ao Quarto Evangelho, apresenta uma síntese sobre a crítica à narrativa em questão. O autor parte do pressuposto que, de fato, a narrativa não pertença ao texto original, fundamentado no testemunho dos manuscritos gregos minúsculos da época medieval. A narrativa também não aparece nos códices P⁶⁶ e P⁷⁵ e nem nos códices κ , B, A e Q. Somente o códice D apresenta o relato. Além disso, os manuscritos gregos que apresentam a narrativa o fazem com alguma marcação. A narrativa parece na *Vetus Latina*, na Vulgata, nos Lecionário Siríaco da Palestina e Etíope e alguns manuscritos, mas é omitido das versões *Vetus Syriaca*, *Peshita* e Copta. Curioso é que o códice f coloca a narrativa da Mulher Adúltera não em João, mas em Lucas após 21,38.² Contudo, independentemente de como a narrativa tenha entrado a fazer parte do Quarto Evangelho, as edições modernas a apresentam como parte integrante desse evangelho. Diante disso se pode indagar qual seria o seu significado e a sua importância para a narrativa da Festa das Tendias em Jo 7-10. Barret prossegue comentando o valor histórico da narrativa e questiona qual teria sido o motivo de tantos testemunhos descartarem sua presença. Além disso apresenta as seguintes características: 1) o estilo e a formulação se adequam às narrativas sinóticas e 2) reflete o caráter e os métodos de Jesus.³

Apesar das atestações contrárias, segundo Beutler, tudo leva a crer que a narrativa remonte aos primeiros séculos da era cristã.⁴ Nesse sentido, continua o autor, como explicar que uma narrativa que remonte aos primeiros séculos da era cristã seja tão mal atestado? A razão parece estar no conteúdo. Agostinho, num tratado sobre o matrimônio alega que a narrativa da Mulher Adúltera poderia induzir a mulher ao erro. Além disso, o adultério era visto pela Igreja, como um crime extremamente grave, colocado ao lado do assassinato e da apostasia. Isto

² Cf. BARRET C.K. *El Evangelio Según San Juan*. Madrid: Ediciones Cristiandad 2003. p. 899-900.

³ Cf. BARRET C.K. *El Evangelio Según San Juan*. p. 900.

⁴ Cf. BEUTLER J. *Evangelho segundo João*. São Paulo: Loyola 2016. pp. 214-215.

poderia explicar a sua dificuldade em ser aceita e anexada ao Quarto Evangelho até o século IV.⁵ Brown, por outro lado, acredita que a narrativa tenha sido inserida no Quarto Evangelho, na posição atual, por causa do tema do juízo que se desenvolve ao longo dos capítulos sete e oito.⁶

Sobre a origem da narrativa, Brown comenta que o estilo não é joanino naquilo que se refere ao vocabulário e à gramática. Assim, a narrativa estaria mais próxima do estilo lucano.⁷ Schnackenburg sugere que a narrativa fazia parte dos círculos judaicos cristãos do século dois, assim como a narrativa do doente na piscina de Betesda (cf. Jo 5).⁸

2. Estrutura da Narrativa

A narrativa da Mulher Adúltera está inserida no meio da narrativa da Festa das Tendias (Jo 7-8). Moloney comenta que tal posição interrompe e perturba a evolução da Festa.⁹ De fato, no desenvolvimento da narrativa da Festa das Tendias o autor trata do “*ultimo dia da Festa, o mais solene*” (7,37). Seria este último dia o sétimo ou o oitavo? Tendo em vista que a narrativa da Mulher Adúltera tem início com a transição de um dia para o outro. Nesse sentido, se deve considerar o último dia, o sétimo, com o acréscimo do oitavo? Tradicionalmente o oitavo dia, proveniente de Levítico e Nm 29,35-38, é descrito como um dia de repouso (cf. Lv 23,39) ou da Santa Assembleia (cf. Nm 29,35). Posteriormente, o judaísmo irá vinculá-lo, seguindo as coordenadas do livro do Deuteronômio e de Neemias, à ideia de *Shemini Atseret* e à celebração do *Simhat Torah*, ou “Alegria da Torá”. O oitavo dia se expressa como dia de Santa Assembleia e memória da Torá. Caso a narrativa da Mulher Adúltera se vincule a esta perspectiva, o ensinamento da Lei, por parte de Jesus, e a questão que lhe é proposta sobre a Lei de Moisés a respeito de flagrante

⁵ Cf. BEUTLER J. *Evangelho segundo João*. pp. 214-215.

⁶ Cf. BROWN R. *El Evangelio según Juan*. I-XII. Madrid: Ediciones Cristiandad 1999. p. 628.

⁷ Cf. BROWN R. *El Evangelio según Juan*. p. 627.

⁸ Cf. SCHNACKENBURG R. *Il Vangelo di Giovanni*. Parte Prima. Brescia: Paideia Editrice 1977 p. 228.

⁹ Cf. MOLONEY F. *El Evangelio de Juan*. Navarra: Editorial Verbo Divino 2005. pp. 275-276.

de Adultério, estariam bem situada no oitavo dia da Festa, sendo que no dia anterior teria sido de fato o sétimo, ou o maior e mais solene da Festa.

Tendo este contexto como pressuposto, a inserção da narrativa da Mulher Adúltera na atual posição dentro do Quarto Evangelho estaria correta e não se configuraria como uma glosa intrusa e que atrapalhe a sequência da narrativa como acreditam alguns estudiosos de João, como Beutler, que afirma que a inserção atual é arbitrária, por um lado, mas, por outro, faz algum sentido.¹⁰

No que diz respeito a uma possível estrutura da narrativa da Mulher Adúltera, Moloney propõe a seguinte divisão:

- a) Introdução (7,53-8,2): uma multidão anônima e Jesus se separam para se encontrarem no dia seguinte. Jesus ensina;
- b) Escribas, fariseus e Jesus (8,3-6a): os escribas e fariseus armam uma cilada contra Jesus;
- c) Jesus, os escribas e fariseus (8,6b-9): Jesus inverte a situação;
- d) Jesus e a mulher (8,10-11): Pela primeira vez a mulher assume papel ativo diante da pergunta de Jesus.¹¹

Beutler propõe a seguinte divisão:

- a) Introdução: 7,53-8,2
- b) Narra-se o inquérito dos escribas e fariseus: 8,3-6b;
- c) Reação de Jesus: 8,6c-8;
- d) Conclusão da narrativa: 8,9-11¹²

Tanto Moloney como Beutler propõem quatro partes ao interno da narrativa, com pequenas variações quanto a transição de uma parte para outra, como se pode observar nos dois esquemas acima. Moloney afirma ainda, que a narrativa é unificada e belamente construída.¹³ Por sua vez, Beutler afirma que o conteúdo da narrativa pode ser abordado por diversos caminhos. Ela apresenta uma série de perguntas que não são fáceis de resolver, caso a narrativa tenha, de fato, ocorrido.¹⁴

¹⁰ Cf. BEUTLER J. *Evangelho segundo João*. pp. 216

¹¹ Cf. MOLONEY F. *El Evangelio de Juan*. p. 276.

¹² Cf. BEUTLER J. *Evangelho segundo João*. pp. 216.

¹³ Cf. MOLONEY F. *El Evangelio de Juan*. p. 276.

¹⁴ Cf. BEUTLER J. *Evangelho segundo João*. pp. 215.

3. A Narrativa

Jesus se encontra em Jerusalém por ocasião da Festa das Tendias. Durante o capítulo sete o leitor foi informado que Jesus subiu para a Festa quando esta se encontrava no meio e, imediatamente, começa a ensinar (cf. Jo 7,14). Deve-se destacar que a menção à Festa das Tendias ocorre explicitamente somente em Jo 7,2. Isso deve chamar a atenção, tendo em vista tratar-se da maior e mais santa de Israel.¹⁵ Em todo caso, a narrativa da Mulher Adúltera está inserida dentro da narrativa da Festa das Tendias. Isso é um detalhe importante para a compreensão do contexto da narrativa em questão.

Jo 7,53-8,1 informa que após uma longa discussão a respeito de Jesus Cristo (Jo 7,40-52) todos retornam para as suas casas. Aqui se deve levar em consideração que parte da população, nesse momento, é formada de peregrinos, entre eles o próprio Jesus, que subiram à Jerusalém a fim de participarem da Festa. Este é o motivo pelo qual Jesus se dirige para o Monte das Oliveiras a fim de pernoitar (8,1).

No Quarto Evangelho, geralmente Jesus pernoita em Betânia quando sobe para Jerusalém. Alguns autores se baseiam na narrativa lucana para alocar Jesus no Monte das Oliveiras, se baseando em Lc 21,37.¹⁶ O Evangelho de Mateus informa que Jesus pernoitava em Betânia¹⁷ quando se encontrava em Jerusalém (cf. Mt 21,17; 26,6). Contudo, parece que nos últimos tempos Jesus costumava pernoitar no Monte das Oliveiras, conforme deixa transparecer Lc 21,37.

A partir do versículo dois, Jesus aparece no Templo ensinando. O ato de Jesus ensinar no Templo aparece aqui em Lucas. Na narrativa lucana, Jesus, aos doze anos, se encontra sentado no Templo ouvindo e interrogando os doutores da Lei (cf. Lc 2,41-50), já na narrativa joanina Jesus se encontra no Templo

¹⁵ Flávio Josefo, na sua obra *Antiguidades Judaicas*, descreve a Festa das Tendias como a maior e mais santa festa de Israel. Cf. ARAUJO G.L. *História da Festa Judaica das Tendias*. São Paulo: Paulinas 2012. p. 119.

¹⁶ Cf. BEUTLER J. *Evangelho segundo João*. São Paulo: Loyola 2016. p. 217.

¹⁷ Segundo o Quarto Evangelho, Betânia ficava a uns “quinze estádios de Jerusalém” (Jo 11,18) ou seja, por volta de três quilômetros.

ensinando ao povo que se encontrava reunido ali em vista da celebração da Festa das Tendras.

Alguns autores questionam o ato de ensinar de pé, como sendo típico da tradição Sinótica e não joanina. Contudo, aqui o ato de estar sentado, em seguida de pé e posteriormente inclinado escrevendo no chão apresentam um movimento de Jesus que reage diante da casuística posta diante dele.

Nos versículos três a cinco, os escribas e fariseus expõem uma situação concreta, ou seja, uma mulher flagrada em adultério, expressando o que diz a Lei sobre esta questão e qual é a posição deles sobre o fato. Sobre o crime de adultério, no qual se baseiam os escribas e fariseus, a Lei, na realidade afirma que o crime de adultério deve ser punido com crime capital, sem, no entanto, afirmar qual o tipo de pena a ser aplicada, conforme prescreve os livros de Levítico e Deuteronômio (cf. Lv 20,10 e Dt 22,22-24).

Outro fato que chama a atenção na narrativa é a ausência do homem envolvido no crime, uma vez que duas pessoas foram flagradas, um homem e uma mulher casada. Nesse sentido, se deve indagar porque o homem em questão não está presente, mas, apenas a figura da mulher. Em todo caso, a situação da mulher é humilhante, pois ela é posta no meio como um objeto. Ela tem ciência da pena capital que lhe aguarda, possivelmente não está vestida adequadamente, pois foi tirada do leito de adultério e “arrastada” para ser condenada. Trata-se apenas de um objeto de desprezo.¹⁸ O’Day comenta que se trata de uma mulher sem nome, sem voz, sem identidade, a não ser pelo fato de ser designada como adúltera.¹⁹ O uso de “tais”, aplicado pelos escribas e fariseus à mulher, expressa o menosprezo em relação a ela desconsiderando o fato de que ela, antes de tudo, é uma filha de Israel.

A real intenção dos escribas e dos fariseus, no versículo seis, se torna clara, ou seja, pôr Jesus à prova. O objeto de acusação principal não é a mulher, mas a pessoa de Jesus. Portanto, existe uma má intenção por trás da pergunta dos escribas e fariseus.

¹⁸ Cf. MOLONEY F. *El Evangelio de Juan*. p. 277.

¹⁹ Cf. O’DAY G.R. John 7:53-8:11: A Study in Misreading. In: *JBL* 111/4 (1992). p. 632.

Segundo Léon Dufour, a intenção dos escribas e fariseus é “encostar Jesus na parede”, ou seja, colocá-lo numa situação. Se Jesus perdoar a mulher, irá contra a Lei, se aprovar a condenação irá contra a sua pregação e se colocaria em choque com as autoridades romanas.²⁰ Nesse sentido a intenção dos escribas e fariseus é colocar Jesus à prova e ter material para acusá-lo.²¹ A mulher, no caso, é apenas um artifício usado pelos acusadores, cuja intenção não é acusá-la, mas acusar Jesus, a quem desejam matar (cf. Jo 7,1.49).

O ato de escrever com o dedo e o conteúdo escrito sempre foram dois motivos de debates entre os estudiosos. Schnackenburg apresenta três teorias: a primeira se baseia na profecia de Jeremias na qual é descrito que aqueles que abandonam o Templo e, portanto, o Senhor, terão os nomes inscritos no chão (cf. Jr 17,13); a segunda evoca a prática romana de escrever a sentença antes de pronunciá-la; e, a terceira seria alguma palavra, que os estudiosos procuram evidenciar²². Moloney afirma que é impossível o significado do abaixar-se de Jesus para escrever, o que, possivelmente possa apenas ser um gesto de indiferença à questão posta pelos escribas e fariseus, ignorando-os.²³ Contudo, o conteúdo não é o tema importante, mas o ato de escrever com o dedo por terra ao se reclinar. De imediato se deve evidenciar que é a única vez que na Bíblia é dito que Jesus escreve. Além disso, buscando referências no Antigo Testamento, encontram-se três momentos no qual Deus escreve com o dedo. No Salmo 8 é dito que a criação surgiu pelo dedo de Deus (Sl 8,4); o livro de Deuteronômio informa que a Lei foi escrita, também, pelo dedo de Deus (Dt 9,10 e, na Profecia de Daniel, o juízo divino é dado pelo dedo de Deus (Dn 5,5). Nesse sentido, a imagem do dedo de Deus evoca a criação, a Lei e o juízo. Possivelmente, o gesto de Jesus, de escrever com o dedo no chão, evoque algumas dessas ideias, ou as três. Tendo em vista que se trata da Lei e do juízo, as duas últimas ideias se aproximam bem, ou seja, ensino da Lei e juízo emitido. O gesto de Jesus, portanto, parece evocar o gesto de Deus e, aqui na Festa de Deus (cf. Lv 23...) a ideia da Lei se enquadra com tranquilidade.

²⁰ Cf. LÉON-DUFOUR X. *Lectura del Evangelio de Juan*. Vol II. Salamanca: Ediciones Sigueme 2000. p. 248.

²¹ Cf. BEUTLER J. *Evangelho segundo João*. p. 217.

²² Cf. SCHNACKENBURG R. *Il Vangelo di Giovanni*. Parte Prima. p. 308.

²³ Cf. MOLONEY F. *El Evangelio de Juan*. p. 277.

Diante da insistência dos escribas e dos fariseus (cf. v. 7) a resposta de Jesus a eles é, no mínimo, espantosa. No geral os estudiosos abordam a condição de pecado daqueles que estão em volta de Jesus. Sobre o tema da pedra, Brown evoca a prescrição deuteronômica que diz que a mão das testemunhas sejam as primeiras a atirar a pedra (cf. Dt 17,7)²⁴. Schnackenburg evoca o pecado idolátrico no qual, também, a mão da testemunha é a primeira “a matar” o culpado, seguida da mão de todo o povo (cf. Dt 13,10)²⁵. Contudo, a resposta de Jesus se torna um problema redacional no sentido que os escribas e os fariseus e o povo se encontram “tecnicamente” em estado de pureza ritual, tendo em vista que haviam se purificado ritualmente para participarem da Festa das Tendias. De fato, a participação na Festa das Tendias exigia a preparação anterior que se realizava na celebração de Yom Kipur, conforme prescreve os livros de Levítico e Números (cf. Lv 23,26-32 e Nm 29,7-11). Quando Jesus afirma que aquele que não tiver pecado atire a primeira pedra, ele está ciente que os participantes da Festa estão em grau de pureza, ou seja, sem pecado. Nesse sentido, por que não lapidam a mulher e se retiram deixando-a só com Jesus? Uma resposta imediata é o fato de que a Judéia estava sob domínio romano, o que impedia que o Sinédrio tomasse qualquer medida jurídica, ficando reservada ao governo romano tais decisões. Como exemplo é a própria condenação de Jesus que deve ser emitida pelo governador romano e não pelo Sinédrio. Em todo caso, os escribas e os fariseus podiam ter deixado Jesus e conduzido a mulher a presença do governador romano para que emitisse um juízo. Por que não o fizeram então? Seguindo a ótica proposta da obra, outro olhar deve ser dado à mulher.

No capítulo quatro fora narrado o encontro de Jesus com a mulher samaritana. Nesta narrativa se pode evidenciar que a mulher em questão é protótipo do próprio Reino do Norte, Israel, que conforme os profetas, como Oséias, a descreviam como envolvida com muitos amantes.

Uma chave de leitura para a mulher adúltera é visualizá-la como a própria Judeia, a partir da ótica de Ezequiel. Na profecia de Ezequiel, o profeta descreve

²⁴ Cf. BROWN R. *El Evangelio según Juan*. p. 625.

²⁵ Cf. SCHNACKENBURG R. *Il Vangelo di Giovanni*. Parte Prima. p. 310.

Jerusalém como uma adúltera. Todo o capítulo dezesseis é dedicado à descrição de Jerusalém que recebeu o amor do seu senhor, mas se dedicou à prostituição. Na narrativa de Ezequiel o autor também menciona Samaria, na mesma condição e modelo para as atitudes de Jerusalém (cf. Ez 16,47). Jerusalém será exposta para que seja revelado os seus pecados e sofrerá o castigo das prostitutas:

Pois bem, prostituta, ouve a palavra de Iahweh: Assim fala o Senhor Iahweh: Visto que dilapidaste o teu dinheiro e descobriste a tua nudez em tuas prostituições com os teus amantes e com todos os teus ídolos imundos, e pelo sangue dos teus filhos que lhes deste, por tudo isso hei de reunir todos os teus amantes, aos quais agradaste, todos aqueles que amaste e todos aqueles que odiaste, reuni-los-ei a todos e descobrirei a tua nudez, para que a vejam toda. Impor-te-ei o castigo das adúlteras e das que derramam sangue... Então excitarão contra ti a assembleia, te apedrejarão... Assim saciarei a minha ira contra ti e o meu zelo se desviará de ti, acalmar-me-ei e já não sentirei mágoa contra ti. Visto que não te lembraste dos dias da tua juventude, antes, me irritaste com todas essas coisas, também eu farei com que caia sobre a tua cabeça o teu comportamento... (Ez 16,35-43)

Contudo, agirá com misericórdia para com Jerusalém:

Com efeito, assim diz o Senhor Iahweh: Agirei contigo como tu agiste: desprezaste um juramento imprecatório e violaste uma aliança. Contudo, lembrar-me-ei da aliança que fiz contigo na tua juventude e estabelecerei contigo uma aliança eterna. E tu te lembrarás do teu comportamento e ficarás envergonhada, ao receberes as tuas irmãs mais velhas, juntamente com as mais moças, ao dar-tas eu como filhas, embora não seja obrigado a isso em virtude da minha aliança contigo. Desta maneira, serei eu que restabelecerei a minha aliança contigo e saberás que eu Iahweh, a fim de que te lembres e te cubras de vergonha, e na tua humilhação já não tenhas disposição de falar, quando eu tiver perdoado tudo quanto fizeste, oráculo do Senhor Iahweh (Ez 16,59-63)

A conclusão do oráculo de Ezequiel se enquadra bem no contexto da narrativa da mulher adúltera, na qual a mulher pode ser vista como a própria Judá que, em suas ações, não sofrerá o castigo das prostitutas, mas encontrará a misericórdia. No capítulo vinte e três a relação entre Jerusalém e Samaria como

duas prostitutas. A história remonta a duas jovens, filhas da mesma mãe que se prostituíram no Egito durante a mocidade (Ez 23,2-3) e continuaram se prostituindo sem arrependimento, motivo pelo qual o próprio Senhor as denunciará e as colocará à sorte das adúlteras:

...assim diz o Senhor Iahweh: Visto que te esqueceste de mim e me atiraste para trás das costas, também tu colherás os frutos da tua infâmia e das tuas prostituições. Disse-me ainda Iahweh: Filho do homem, julgarás tu Oola e Ooliba? Mostrar-lhes-ás as suas abominações? Sim, porque elas cometeram adultério e as suas mãos estão manchadas de sangue... Mas, homens justos não de julgá-las, segundo o direito das adúlteras e segundo o direito das que derramam sangue, pois que elas são adúlteras e as suas mãos estão manchadas de sangue (Ez 23,35-37.45).

A narrativa da Mulher Adúltera encontra sentido a partir desta aproximação com a Profecia de Ezequiel, na qual descreve como visto acima com a própria Jerusalém, que, em suas ações, se comportou como uma adúltera traindo o Senhor com o qual ela fizera Aliança.

Jesus tendo dado uma resposta aos escribas e fariseus inclina-se novamente enquanto todos saem um após o outro a começar pelos mais velhos (cf. vv. 8-9). Contudo, se pode perguntar o motivo pelo qual os escribas e os fariseus se retiram não dando continuidade à condenação, ou seja, levando-a para palácio do governador para que seja julgado formalmente o caso, tendo em vista ser um flagrante e, portanto, ser legítimo o crime a ser julgado. Estando os mesmos em estado de pureza ritual conforme as prescrições da Festa, nada os impedia de condenar e aplicar a pena capital sobre a mulher. Por que não o fazem? A melhor resposta ainda é o esquema acima da Profecia de Ezequiel, no qual a mulher em questão é a própria Jerusalém. Portanto, os escribas e os fariseus, mesmo estando tecnicamente em estado de pureza ritual, estão em pecado quanto à Lei.

A narrativa da mulher adúltera está justamente vinculada à memória jubilar da Lei. A Lei fora dada a Israel para fazê-la modelo de povo diante das outras nações. Portanto, o senso de justiça é referencial para a sua compreensão. O legalismo da Lei aplicada pelos escribas e fariseus tornava a nação um legítimo referencial para os outros, mas a sua prática social a tornava semelhante às demais nações.

Sendo a mulher adúltera a própria Judá, Deus, que fizera aliança com ela, deverá usar de misericórdia ou aplicar o rigorismo da Lei. Nesse sentido se deve lembrar quando Moisés intercede a Deus para que não destrua o povo (cf. Ex 32).

Após os escribas, fariseus e a multidão se retirarem, permanecem apenas Jesus e a mulher. Jesus, agora lhe dirige a palavra e, pela primeira vez, aquela que era um objeto se faz sentir (cf. vv. 10-11).

Para Jesus aquela mulher não é apenas um objeto sobre o qual se aplica prescrições, mas um ser humano sobre o qual se deve ter um olhar sensível. O erro é reconhecível, mas o Deus de Israel é aquele que dá oportunidade quando tudo parece impossível, ou seja, do nada cria; de pessoas escravizadas, um povo, escutando seu clamor e libertando-os. Essa mesma sensibilidade se encontra na pessoa de Jesus que veio, não para condenar, mas para salvar.

O ato de Jesus não é dar permissão para pecar, ou fazer vistas grossas para o pecado, mas é reconhecer que existe um erro e oferecer outra possibilidade. Isso destrói a visão de Calvino que via no gesto de Jesus uma liberalização para as mulheres pecarem. Assim é que Jesus diz: “não te condeno” e “não peques mais”.

Olhando o conjunto da narrativa existe uma injustiça sendo conduzida pelos escribas e pelos fariseus. Sendo flagrante adultério, o juízo e a pena devem ser aplicados sobre as partes envolvidas, ou seja, sobre o homem, em primeiro lugar, e sobre a mulher. Deve-se recordar que sobre o homem a pena é direta, mas sobre a mulher existem atenuantes e agravantes, pois a mesma pode estar sendo vítima de agressão. Quando a pena é aplicada diretamente sobre a mulher sem observar atuantes ou agravantes e se dispensa o homem de condenação, se observa que a Lei está sendo infringida em dois pontos. Talvez aqui esteja a culpa dos que desejam condenar a mulher.

Claro, quando se aproxima a mulher adúltera de Judá, então é a multidão, os escribas e os fariseus que estão em pecado, mesmo com a prática da pureza ritual.

Em todo caso, a Lei sendo infringida na sua aplicação, poderia ela ser aplicada contra o réu, ou o réu se torna isento da Lei? De modo geral a Lei sempre prescreve em favor do réu. Tendo formulado uma acusação na qual os artigos da Lei estão sendo infringidos, mesmo que se trate de flagrante, a Lei deve contar a favor do réu.

4. O Adultério na Bíblia

No Antigo Testamento o adultério é visto como um crime que viola a aliança estabelecida entre um homem e uma mulher. Além disso, a Aliança entre Deus e Israel, na literatura profética, principalmente a partir da profecia de Oséias, é vista a partir da concepção matrimonial, no qual Deus é o esposo e Israel e esposa. Progressivamente o crime de adultério será visto como um crime contra a parte traída e contra Deus diretamente (cf. Pr 2,17; MI 2,14.15).

O livro de Provérbios diz que o adúltero é homem sem juízo, pois arruína-se a si mesmo (cf. Pr 6,32). Tal falta de juízo resultará, ainda, na sua condenação (cf. Prov. 6,29). Por sua vez, o livro de Eclesiástico mostra a sua aversão contra o ancião adúltero (cf. Eclo 25,2). Em todo caso o adultério implica no violar o direito do cônjuge e no ferir a Aliança com Deus.

A legislação do Livro dos Números prescreve a oblação pelo ciúme (cf. Nm 5,11-31). Quando o marido desconfiar que a sua mulher o está traindo com outro homem, ele poderá conduzi-la ao Templo, portanto a oferta de um décimo de farinha de cevada. O sacerdote soltará o cabelo da mulher e a colocará diante do Senhor segurando a oferenda. Depois tomará da água santa num vaso de barro e jogará um pouco do pó do chão sobre a água. Esta água será chamada de “águas amargas da maldição”. Em seguida a mulher deverá fazer o juramento. Caso seja inocente nenhum mal lhe acontecerá, mas se for pecadora e estiver mentindo o seu ventre inchará e seu sexo murchará após tomar da água.

O Decálogo dedica um mandamento direto contra tal crime: “*não cometerás adultério*” (cf. Ex 20,14; Dt 5,18). No Decálogo também se encontra outro mandamento que se aproxima deste mandamento, ou seja, “*não cobiçarás a mulher do teu próximo*” (Ex 20,17; Dt 5,21). Para o Decálogo, o matrimônio é uma instituição inviolável que deverá ser observada na nova comunidade dos Filhos de Israel. Nesse sentido, quando um homem casado é flagrado com uma mulher casada, ambos deverão ser condenados à morte (cf. Dt 22,22; Lv 20,10). A legislação do livro de Deuteronômio e de Levítico não prescreve o tipo de pena capital a ser aplicado, apenas que se trata de crime no qual implica tal pena. Leva-se em conta

que a aplicação de lapidação como pena capital para crime de adultério aparece, pela primeira vez, na profecia de Ezequiel quando apresenta Jerusalém como uma mulher adúltera (cf. Ez 16). Seguindo a lógica do profeta, a mulher apresentada pelos escribas e fariseus, no Quarto Evangelho, pode ser comprada diretamente à Jerusalém. Dentro desta perspectiva, o oráculo de Ezequiel encontraria a sua realização justamente na narrativa de Mulher Adúltera de João.

5. Conclusão

O estudo da narrativa da Mulher Adúltera no Quarto Evangelho evidenciou uma novidade, ou seja, a mulher em questão pode ser considerada uma personificação da própria Judá, conforme o capítulo quatro do mesmo Evangelho deixa transparecer que a narrativa da Mulher Samaritana seja a própria Samaria. Partindo desse pressuposto o autor do Quarto Evangelho, nos capítulos quatro e oito, estaria colocando Jesus entre o Reino do Norte e o Reino do Sul, no qual o conjunto formava, nos primórdios, as Doze Tribos de Israel e, posteriormente, o Reino unificado, com a ascensão da monarquia de Israel. Tal perspectiva pode, também, ser evidenciada na parábola do Filho Pródigo no Evangelho de Lucas, no qual o filho mais velho pode ser identificado com Judá e o filho mais novo, Israel (cf. Lc 15,11-32).

Seguindo os passos da Profecia de Ezequiel, Jerusalém passa a se configurar como uma mulher adúltera, assim como a Samaria, conforme a profecia de Oséias. Desse modo, tanto a Samaria como Jerusalém estariam sendo descritas no Quarto Evangelho como mulheres adúlteras, que feriram a Aliança realizada com Deus.

Na narrativa da Mulher Adúltera se estabelece um dilema para Jesus. Tal dilema está conectado com o objeto do pecado. A mulher é pecadora e, se Jesus não a condena, ele peca contra a lei de Moisés. Nesse sentido, Jesus vira a situação e, seguindo o procedimento romano, ele diz que os sem pecado devem executar a sentença. Os líderes judeus são convencidos do pecado da mulher, mas, diante do governo romano, os judeus, mesmo em estado de pureza ritual, portanto, sem pecado, não podem condenar a mulher, pois cabe ao governo romano, e não ao Sinédrio, emitir

e executar sentenças. O contraste, na realidade, é entre os judeus (que tentam, mas não podem condenar) e Jesus (que pode condenar, mas não o faz).²⁶

Jesus opta em conceder outra chance para a mulher. Aqui se enquadra a missão de Jesus, ou seja, dar vida e não condenar. Esta perspectiva se enquadra na proposta dos capítulos sete e oito, nos quais Jesus afirma que Moisés deu a Lei, mas os judeus não a põem em prática (cf. 7,18), pois julgam conforme a carne (cf. 8,15) e segundo as aparências (cf. 7,24). Diferente de Jesus que não veio para julgar, mas se ele julgar o seu julgamento será verdadeiro, porque ele está com o Pai (cf. 8,16).

A narrativa da Mulher Adúltera pode ter tido problemas para entrar no Quarto Evangelho. Mas ela se enquadra muito bem e está na justa posição. Quanto ao vocabulário se é joanino ou paulino, creio que este problema não pode ser posto, caso contrário sobrarão pouca coisa do Evangelho de João, como se pode observar no Prólogo, na narrativa da cura na piscina de Betesda (cf. 5,1-11) e ou a multiplicação dos pães (cf. 6,1-15)²⁷

Bibliografia

- ARAUJO G.L. *História da Festa Judaica das Tendias*. São Paulo: Paulinas 2012.
- BARRET C.K. *El Evangelio Según San Juan*. Madrid: Ediciones Cristiandad 2003.
- BEUTLER J. *Evangelho segundo João*. São Paulo: Loyola 2016.
- BROWN R. *El Evangelio según Juan*. I-XII. Madri: Ediciones Cristiandad 1999.
- HEIL J.P. The Story of Jesus and the Adulteress (John 7,53-8,11) Reconsidered. In: *Biblica*, vol. 72, 2(1991) p. 182-191.
- LÉON-DUFOUR X. *Lectura del Evangelio de Juan*. Vol II. Salamanca: Ediciones Sigueme 2000.

²⁶ Cf. WARD RB. The Case for John 7:53-8:11. In: *Restoration Quarterly*, vol 3(1959). p. 135-136.

²⁷ HEIL JP. The Story of Jesus and the Adulteress (John 7,53-8,11) Reconsidered. In: *Biblica*, vol. 72, 2(1991) p. 183.

MOLONEY F. *El Evangelio de Juan*. Navarra: Editorial Verbo Divino 2005.

O'DAY G.R. John 7:53-8:11: A Study in Misreading. In: *JBL* 111/4 (1992). p. 631-640.

SCHNACKENBURG R. *Il Vangelo di Giovanni*. Parte Prima. Brescia: Paideia Editrice 1977.

TOENSING H.J. Politics of Insertion: The Pericope of the Adulterous Woman and Its Rhetorical Context at John 7:52. In: *Proceedings EGL & MWBS* 15 (1995) p. 1-14.

WARD R.B. The Case for John 7:53-8:11. In: *Restoration Quarterly*, vol 3 (1959). p. 130-139.

Recebido em: 10/09/2018

Aprovado em: 12/11/2018